



Diversipedia das Mães

Respostas sobre o universo LGBTQIA+ para dúvidas e equívocos

Dúvidas e equívocos são comuns quando as pessoas não convivem com o universo LGBTQIA+. Por isso, nós elaboramos essa lista de perguntas que sempre ouvimos – e muitas vezes nos fazemos – sobre identidade de gênero e orientação sexual. A lista inclui, ainda, argumentos contra desinformação, crenças distorcidas e preconceituosas.

Pesquisas científicas e experiências vividas pela maioria das mães e pais de pessoas LGBTQIA+ nos forneceram as respostas e os argumentos que listamos aqui. A pesquisa dos temas foi feita pela colaboradora Julia Bahia, a edição foi de Brenda Fucuta e as revisões técnicas foram realizadas pela hebiatra Andrea Hercowitz e a doutoranda em educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Maria Cecília Castro. As três últimas são Mães pela Diversidade. Como na Wikipedia, você pode sugerir novos verbetes e novas perguntas para se juntar às

existentes. Basta enviar sua sugestão para

conteúdo@mãespeladiversidade.org.br com o assunto "Diversipedia".

Uma observação importante: nem sempre identidade de gênero (o sexo pelo qual a pessoa se reconhece) e orientação sexual (por qual gênero a pessoa se sente atraída) são tratadas pela mesma pesquisa.

Outra observação importante: a ciência também se aprimora com o passar do tempo. Sabemos muito mais sobre o universo LGBTQIA+ do que sabíamos há algumas décadas. Sabemos menos do que saberemos daqui a alguns anos.

Opção ou escolha

Ser LGBTQIA+ é uma opção?

Não. A orientação sexual e a identidade de gênero não são opcionais. Não é uma questão de escolha ser homossexual ou transexual ou bissexual por exemplo. Assim como não é uma questão de escolha ser heterossexual.

As pessoas nascem LGBTQIA+?

Os livros *Is It A Choice?* (É escolha?) de Eric Marcus, e *Free Your Mind* (*Liberte-se do Preconceito*, em tradução livre), de Ellen Bass e Kate Kaufman, explicam que a pergunta “As pessoas nascem homossexuais?” remete ao século XIX, quando Magnus Hirschfeld, fundador do primeiro movimento a favor dos direitos dos homossexuais, na Alemanha,

declarou que acreditava na origem biológica da homossexualidade.

Atualmente, se entende que a identidade de gênero e a orientação sexual se desenvolvem sob influência de fatores biopsicossociais. Compreende-se que, apesar dos fatores psicossociais ajudarem a moldá-las, os fatores biológicos têm fundamental importância, principalmente genéticos, hormonais e cerebrais, que agem principalmente no período de vida intrauterina.

É importante saber se a pessoa nasce ou não LGBTQIA+?

Segundo o pesquisador do NUH (Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT da UFMG), Juliano Bonfim, por aprovar o comportamento heterossexual e desaprovar a comunidade LGBTQIA+, nossa sociedade se importa muito com essa questão. Por exemplo, para muitas pessoas, imaginar que homossexuais nascem homossexuais e não "viram" homossexuais pode parecer tranquilizador (ver verbete **Ser LGBTQIA+ é uma opção?**): não seria "culpa" da pessoa ser homossexual se ela nasce assim, certo? Por outro lado, ao acreditar que o único fator determinante da sexualidade ou da identidade de gênero é genético, se exclui a influência de outros fatores. [**Ver verbete sobre influência genética.**]

Por que algumas pessoas acham que a homossexualidade e a transexualidade são doenças ou transtornos?

Elas não são. Apesar da demora, em 1973 a Associação Americana de Psiquiatria (APA, sigla em inglês) retirou a homossexualidade da lista de doenças. Em 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) fez a mesma coisa e retirou o verbete "homossexualismo" de suas publicações. O ismo, de homossexualismo, remete a algo pejorativo, negativo, o que não acontece com os termos usados atualmente para explicar a orientação sexual – a homossexualidade ou a heterossexualidade. Por isso, temos preferido falar em homossexualidade, transexualidade e heterossexualidade como formas de expressão da vida.

Novamente a história se repetiu em 2022, quando a OMS mudou sua visão sobre a transexualidade, que deixou de ser considerada um transtorno para se tornar uma condição de identidade de gênero que pode necessitar de acompanhamento médico mas não é mais vista como doença.

Por que muitos pais procuram psicólogos para seus filhos LGBTQIA+?

A terapia ajuda a tratar as consequências emocionais causadas pela discriminação e pela pressão social contrária às orientações e às identidades que não sejam cisheteronormativas (não LGBTQIA+). São casos em que o profissional vai ajudar a pessoa a se autoconhecer e se relacionar da melhor forma possível com o mundo ao seu redor. Importante ressaltar que a Resolução do Conselho Federal de

Psicologia, nº 01/99, determina que não cabe a profissionais da Psicologia no Brasil o oferecimento de qualquer tipo de prática de reversão sexual, uma vez que a homossexualidade não é patologia, doença ou desvio.

E as curas gays?

Não se pode curar o que não é doença. Tratamentos e terapia de "cura gay" são desaconselhados pelo Conselho Federal de Psicologia desde 1999. Em 2019, o Supremo Tribunal Federal suspendeu decisão que liberava esse tipo de violência contra as pessoas LGBTQ+. Pesquisa divulgada em 2022 da ong All Out e do Instituto Matizes identificou, no entanto, a prática de 26 tipos de "cura gay" no país, que incluíam técnicas de castigos físicos, exorcismo e medicação forçada, entre outras barbaridades.

Mesmo não sendo doenças, a diversidade sexual e de gênero são naturais?

Sim. Elas não deveriam ser vistas como algo fora do que é considerado "normal" dentro da história e da evolução humanas. De acordo com o especialista em sexualidade Sylvio José Rocha, estudos antropológicos mostram que existiram e existem gays em modelos diferentes de

sociedade, o que comprova que a homossexualidade é natural na nossa espécie. O mesmo se pode dizer da transexualidade.

Diversidade sexual e de gênero: isso pode ser modismo?

Não. A homossexualidade refere-se à característica, condição ou qualidade de um ser (humano ou não) que sente atração física, estética e/ou emocional por outro ser do mesmo sexo ou gênero, segundo a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS). A bissexualidade refere-se a pessoas que sentem atração física e amorosa por ambos os sexos ao longo da vida. A transexualidade tem a ver com a condição de pessoas que se sentem com o gênero diferente do nascimento. Nada disso é modismo. Em alguns momentos históricos e em algumas sociedades, onde há mais aceitação e menor repressão, homossexuais, bissexuais e transgêneros, além de assexuais e pansexuais, ganham mais visibilidade – o que pode explicar por que algumas pessoas enxergam essas características de identidade como modismo.

Influência e culpa

As pessoas se tornam LGBTQIA+ por influência de alguém ou da mãe?

Não. Nenhuma pesquisa séria mostrou ser possível responsabilizar os pais ou qualquer outra pessoa pela orientação sexual dos filhos.

Em 2019, a maior pesquisa sobre a origem da homossexualidade analisou o genoma de meio milhão de pessoas. Publicada na revista científica *Science*, a pesquisa indicou que a orientação sexual faz parte do comportamento humano e que o comportamento não heterossexual é algo natural na biologia. Assim como os heterossexuais, os homossexuais têm sentimentos e desejos autônomos, próprios, que constituem a personalidade de cada um de maneira profunda. De acordo com Benjamin Neale, pesquisador do Hospital Geral de Massachusetts e do Instituto Broad (EUA), existe uma enorme diversidade de comportamentos e os fatores que os explicam são variados.

Existe um gene gay?

Não existe um gene que determina a diversidade sexual e de gênero.

"Em 2019, um estudo de associação genômica em larga escala, com 492.678 indivíduos encontrou não apenas um gene, mas diversos loci (locais específicos do cromossomo com os marcadores genéticos espalhados pelo genoma, de pequena expressão individual, que em conjunto e com variedade de expressão, estariam relacionados à orientação sexual de homens e mulheres cis homo, bi e assexuais. Dentre os genes identificados, 5 demonstraram maior relevância. A influência genética parece ser diferente na determinação da orientação sexual de homens e mulheres, estimando que em torno de 40% da variação da orientação sexual nos homens teria uma influência genética e 20% nas mulheres. As demais razões estariam relacionadas a aspectos hormonais e socioculturais, que poderiam inclusive influenciar a expressão gênica" diz o livro **Saúde**

LGBTQIA+: Práticas de Cuidado Transdisciplinar (Editora Manole 2021),

de autoria de Saulo Vito Ciasca, Andrea Hercowitz, Ademir Lopes Junior.

Como foi dito antes, a orientação sexual de uma pessoa não depende apenas do seu DNA. Fatores genéticos, hormonais, cerebrais e imunológicos agem em conjunto na influência biológica das orientações afetivo-sexuais.

O jeito como a mãe cria o filho não influencia? A culpa não é dela?

Não. Nem a mãe nem o pai ou outra pessoa qualquer tem culpa. Em primeiro lugar, a diversidade sexual e de gênero não é errada para que haja culpa. As pessoas são ou não LGBTQIA+ em função de diversos fatores, biológicos e culturais. Devemos olhar a orientação sexual e a identidade de gênero como algo que faz parte da personalidade de alguém, uma parte que é apenas da pessoa. Por isso, não existe culpa e nem erro. Culpar a mãe é uma maldade com todos: tanto com as mães, que não têm poder de influenciar a orientação sexual ou a identidade de gênero dos filhos, quanto com os filhos, que não estão cometendo nenhum crime ao declarar quem são e o que desejam.

Mas a mãe e o pai não exercem nenhuma influência?

Sim, exercem e muita. Famílias que dão espaço para que o filho seja quem ele é formam adultos com autoestima preservada, mais preparados para enfrentar o mundo. A relação com a família é um grande fator de influência para que os filhos se sintam confortáveis em

ser quem são e na constituição de sua identidade, seja ela qual for. A família é o primeiro espaço em que a pessoa exercita sua individualidade e identidade. Por isso, a família deveria ser um espaço de confiança.

Quais são as outras influências que a família pode ter?

A psicóloga Brunella Carla Rodriguez, que conduziu uma pesquisa no Instituto de Psicologia da USP (Universidade de São Paulo), explica que a relação com os pais é decisiva para que os filhos se sintam confiantes, por exemplo, em exercer a paternidade homoafetiva. Ter um bom modelo parental as ajuda a suportar esse processo de maneira menos negativa.

Ideologia de gênero

O que é a ideologia de gênero?

Expressão criada para combater o debate sobre gênero e a educação sexual nas escolas. Desde que foi criada, a expressão "ideologia de gênero" carrega um sentido negativo e pejorativo. É usada por grupos conservadores, como a Bancada Evangélica do Congresso Nacional, e a ala mais conservadora da Igreja Católica para combater a prática do debate sobre gênero (homem, mulher), identidade de gênero

(cisgênero e transgênero), orientação sexual (heterossexualidade e homossexualidade) nas escolas. Segundo esses grupos, a ideologia de gênero seria uma maneira de influenciar os alunos a se desviar do caminho natural da heteronormatividade.

Onde surgiu a expressão?

O termo foi visto pela primeira vez em 1998, em nota emitida pela Conferência Episcopal do Peru intitulada "A ideologia de gênero: seus perigos e alcances". Dois anos depois, o termo volta a aparecer em texto publicado pelo Vaticano sobre os limites da educação sexual no âmbito escolar. Em 2004, é adotado pelo movimento Escola Sem Partido, por meio de propostas que preveem, em geral, a "neutralidade" de professores em sala de aula, limitando a que não exponham sua opinião e não estimulem os alunos e alunas a participação política, que seria visto como ideologia de gênero. O vereador Carlos Bolsonaro apresentou o primeiro projeto de lei ligado ao movimento Escola Sem Partido, em 2014. O deputado estadual Flávio Bolsonaro fez o mesmo na Câmara de Deputados. O Escola Sem Partido, que é um movimento político que visa desenvolver uma agenda conservadora na educação brasileira, foi transformado em associação em 2015 pelo advogado Miguel Nagib, que passou a coordenar e divulgar o movimento. Em

2018, havia projetos em trâmite no Congresso e em ao menos 97 Assembleias e Câmaras Municipais, segundo reportagem da revista Gênero e Número.

Em 2014, a versão final do Plano Nacional de Educação, lei brasileira que estabelece diretrizes e metas para o desenvolvimento nacional, estadual e municipal da educação, eliminou a diretriz que previa a promoção da igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual nas escolas em razão de intensa pressão dos setores conservadores.

Nova polêmica surgiu no ENEM de 2015. O tema da redação, sobre a violência contra a mulher, foi criticado pela agenda conservadora como sendo influência da "ideologia de gênero" no exame.

Em 2016, o deputado federal Jair Bolsonaro, publicou um vídeo acusando o Partido dos Trabalhadores de promover "sexualização precoce de crianças nas escolas do país". Os movimentos contra a suposta "ideologia de gênero" cresceram em vários países, sempre relacionados à ideia de doutrinação sexualizada dos alunos.

Existe ou não ideologia de gênero?

Não. O termo é uma distorção do conceito de estudos de gênero ou ensino de gênero – o debate sobre gênero e sexualidade nas escolas – com o objetivo de desconstruir estereótipos que criam desigualdades e

injustiças. Nas palavras de Andressa Pellanda, coordenadora de políticas educacionais da Campanha Nacional Pelo Direito à Educação, organização sem fins lucrativos, “se chama erroneamente de ‘ideologia de gênero’ qualquer iniciativa que busque debater questões de ordem de gênero e orientação sexual em escolas, como iniciativas que visam combater as discriminações de gênero ou orientar e conscientizar sobre educação sexual”. Por isso, a expressão não é reconhecida pelas pessoas que entendem ser importante falar sobre a questão de gênero nas escolas.

A suposta "ideologia de gênero" foi criada para influenciar as crianças e adolescentes a serem homossexuais ou transexuais?

Segundo relatório da Declaração da Diversidade da UNESCO, de 2001, não existe essa possibilidade. Não se "vira" homossexual ou transexual por influência de alguém.

Por que é importante o ensino de gênero e de sexualidade na escola?

Incluir a perspectiva de gênero em planos escolares ajuda a criar senso crítico sobre as desigualdades de direitos entre homens e mulheres e grupos minorizados, como a população LGBTQIA+. Além disso, a escola tem a obrigação de fornecer um ambiente acolhedor e respeitoso com seus alunos. Sem aulas sobre diversidade sexual e de gênero, alunos

LGBTQIA+ estão mais expostos ao preconceito dos colegas e à evasão escolar (**ver verbete sobre evasão escolar**). Segundo fala da professora Maria Eulina de Carvalho em reportagem publicada pelo site Politize, "os estudos sobre a questão de gênero não buscam diminuir ou rechaçar religiões e pessoas religiosas". Ela destaca que, ao reconhecer a diversidade de famílias, não se nega a família tradicional e heterossexual.

Há estudos sobre a evasão escolar de alunos LGBTQIA+?

Sim. Segundo a "Pesquisa Nacional Sobre o Ambiente Educacional no Brasil de 2016", feita pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), 73% dos alunos LGBTs já sofreram agressões verbais devido a sua orientação sexual e 68% por conta de sua identidade de gênero, evidenciando como a escola pode ser um espaço hostil e violento para esses jovens. Discriminação e violência são causas que levam ao abandono da escola, como comenta Fábio Meirelles, coordenador-geral de Direitos Humanos do MEC entre 2011 e 2015.

Como a educação sexual e de gênero pode ser positiva no âmbito escolar?

Segundo informes do Relatório da Declaração da Diversidade da UNESCO, a educação sexual não incentiva a atividade sexual e nem o comportamento sexual de risco; também não faz aumentar infecções relacionadas a DSTs (infecções sexualmente transmissíveis) e a AIDS, como pregam os conservadores. A educação sexual ajuda, por exemplo, a trazer uma maior conscientização sobre o próprio corpo e o respeito ao corpo do outro. Isso poderia evitar o abandono escolar por gravidez precoce, que no Brasil faz com que 75% das adolescentes grávidas não terminem os estudos.

Para fazer a transição de gênero, crianças tomam hormônios?

Não. Existe a possibilidade de se aplicar bloqueio hormonal, autorizado pelo Conselho Federal de Medicina, a partir dos primeiros sinais de puberdade, não antes disso. Mas a idade mínima aconselhada pelo próprio CFM para realização de procedimentos de transição de gênero para pessoas trans e travestis, incluindo terapia hormonal e cirurgias, é de 16 anos. Em 2013, o Ministério da Saúde diminuiu de 21 para 18 anos a idade mínima para o processo transexualizador no SUS, Sistema Único de Saúde.

E as cirurgias de mudanças de sexo?

Os procedimentos cirúrgicos de redesignação genital só podem ocorrer depois dos 18 anos de idade (no SUS, a partir dos 21 anos), e os pacientes precisam ter passado por no mínimo um ano de acompanhamento por uma equipe multiprofissional e multidisciplinar – psiquiatra, endocrinologista, ginecologista, urologista e cirurgião plástico.

A terapia de hormonização é irreversível?

Não, a terapia de hormonização é totalmente reversível. Segundo Ricardo Barbosa Martins, psicólogo e diretor do Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais do Centro de Referência e Tratamento DST/Aids, em São Paulo, é possível reverter a hormonização, o que não significa que médicos devam ser claros em relação a toda a terapia, ajustando ao máximo as expectativas dos pacientes em relação às mudanças esperadas no corpo.

Muita gente se arrepende da transição?

De acordo com Susie Green, executiva-chefe da ONG Mermaids, organização que oferece apoio a jovens britânicos transgêneros e suas famílias, a taxa de arrependimento é de 1%.

Saúde:

Os homossexuais podem doar sangue?

Sim. A proibição de doação de sangue por parte de homens homossexuais estava diretamente relacionada com a ideia equivocada da promiscuidade entre LGBT+ e consequente presença de DSTs. Atualmente, homens heterossexuais estão entre as pessoas com maior incidência de HIV/AIDS. De acordo com balanço divulgado em 2018 pela Secretaria de Estado de Saúde (SES), a maioria dos casos de detecção de HIV/AIDS estão entre homens heterossexuais. Segundo o Boletim Epidemiológico Nacional, dos 297 casos diagnosticados e notificados, 204 são homens, representando 68,68%. Dos novos casos, 52% são heterossexuais e 18% são homossexuais. Outro dado importante: a comunidade LGBT+ testa muito mais do que os heterossexuais, o que faz com que sejam mais protegidos e tenham maior conhecimento sobre sua saúde.

Fontes:

Livro Saúde LGBTQIA+: Práticas de Cuidado Transdisciplinar. Editora Manole 2021

<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/atualidades/a-autoaceitacao-homossexualidade-partir-um-caso-real.htm>

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202019000100006

<http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciadenoticias/noticias/destaques/%E2%80%9Ca-sexualidade-e-uma-construcao-social%E2%80%9D-diz-pesquisador-da-ufba/>

<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/atualidades/a-autoaceitacao-homossexualidade-partir-um-caso-real.htm>

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202019000100006

<http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciadenoticias/noticias/destaques/%E2%80%9Ca-sexualidade-e-uma-construcao-social%E2%80%9D-diz-pesquisador-da-ufba/>

<https://www5.usp.br/noticias/comportamento/para-homossexuais-parentalidade-sofre-grande-influencia-da-familia-diz-pesquisa/>

<http://monografias.uem.mz/handle/123456789/583>

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202019000100006

<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2019/08/genes-nao-ajudam-a-prever-homossexualidade-mostra-estudo.shtml>

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202019000100006

<https://drauziovarella.uol.com.br/endocrinologia/como-funciona-a-hormonioterapia-para-mulheres-trans/#:~:text=Em%202020%2C%20o%20Conselho%20Federal,18%20anos%20como%20idade%20m%C3%ADnima.>

<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bbc/2020/01/16/o-que-sao-bloqueadores-de-puberdade-e-por-que-estao-no-centro-de-controversia.htm>

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51727313>

<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/idade-minima-para-terapia-hormonal-de-transicao-de-genero-cai-para-16-anos/>

<https://drauziovarella.uol.com.br/endocrinologia/como-funciona-a-hormonioterapia-para-mulheres-trans/>

<https://revistaladoa.com.br/2020/08/noticias/promiscuo-o-titulo-que-todo-homem-gay-tem-que-lidar/>

<https://www.scielo.br/j/csp/a/xDFFhtkF89JM65GDhWwTHPj/?lang=pt#B1>

<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2019/04/ser-gay-e-natural-jornalista-e-biologo-usam-polemicas-para-explicar-darwin.shtml>

<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/08/29/comportamento-sexual-nao-e-totalmente-determinado-pelo-dna-diz-estudo.ghtml>

<https://tuporem.org.br/homossexualidade-natural-ou-ambiental/>

outra versão

Diversipedia das Mães

Respostas sobre o universo LGBTQIA+ para dúvidas e equívocos

Dúvidas e equívocos são comuns quando as pessoas não convivem com o universo LGBTQIA+. Por isso, nós elaboramos essa lista de perguntas que sempre ouvimos – e muitas vezes nos fazemos – sobre identidade de gênero e orientação sexual. A lista inclui, ainda, argumentos contra desinformação, crenças distorcidas e preconceituosas.

Pesquisas científicas e experiências vividas pela maioria das mães e pais de pessoas LGBTQIA+ nos forneceram as respostas e os argumentos que listamos aqui. A pesquisa dos temas foi feita pela colaboradora Julia Bahia, a edição foi de Brenda Fucuta e as revisões técnicas foram realizadas pela hebiatra Andrea Hercowitz e a doutoranda em educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Maria Cecília Castro.

As três últimas são Mães pela Diversidade. Como na Wikipedia, você pode sugerir novos verbetes e novas perguntas para se juntar às existentes. Basta enviar sua sugestão para maespeladiversidade@gmail.com com o assunto "Diversipedia". Uma observação importante: nem sempre identidade de gênero (o sexo pelo qual a pessoa se reconhece) e orientação sexual (por qual gênero a pessoa se sente atraída) são tratadas pela mesma pesquisa. Outra observação importante: a ciência também se aprimora com o passar do tempo. Sabemos muito mais sobre o universo LGBTQIA+ do que sabíamos há algumas décadas. Sabemos menos do que saberemos daqui a alguns anos.

Opção ou escolha

Ser LGBTQIA+ é uma opção?

Não. A orientação sexual e a identidade de gênero não são opcionais. Não é uma questão de escolha ser homossexual ou transexual ou bissexual por exemplo. Assim como não é uma questão de escolha ser heterossexual.

As pessoas nascem LGBTQIA+?

Os livros *Is It A Choice?* (É escolha?) de Eric Marcus, e *Free Your Mind* (*Liberte-se do Preconceito*, em tradução livre), de Ellen Bass e Kate Kaufman, explicam que a pergunta “As pessoas nascem homossexuais?”

remete ao século XIX, quando Magnus Hirschfeld, fundador do primeiro movimento a favor dos direitos dos homossexuais, na Alemanha, declarou que acreditava na origem biológica da homossexualidade.

Atualmente, se entende que a identidade de gênero e a orientação sexual se desenvolvem sob influência de fatores biopsicossociais. Compreende-se que, apesar dos fatores psicossociais ajudarem a moldá-las, os fatores biológicos têm fundamental importância, principalmente genéticos, hormonais e cerebrais, que agem principalmente no período de vida intrauterina.

É importante saber se a pessoa nasce ou não LGBTQIA+?

Segundo o pesquisador do NUH (Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT da UFMG), Juliano Bonfim, por aprovar o comportamento heterossexual e desaprovar a comunidade LGBTQIA+, nossa sociedade se importa muito com essa questão. Por exemplo, para muitas pessoas, imaginar que homossexuais nascem homossexuais e não "viram" homossexuais pode parecer tranquilizador (ver verbete **Ser LGBTQIA+ é uma opção?**): não seria "culpa" da pessoa ser homossexual se ela nasce assim, certo? Por outro lado, ao acreditar que o único fator determinante da sexualidade ou da identidade de gênero é genético, se exclui a influência de outros fatores. [**Ver verbete sobre influência genética.**]

Por que algumas pessoas acham que a homossexualidade e a transexualidade são doenças ou transtornos?

Elas não são. Apesar da demora, em 1973 a Associação Americana de Psiquiatria (APA, sigla em inglês) retirou a homossexualidade da lista de doenças. Em 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) fez a mesma coisa e retirou o verbete "homossexualismo" de suas publicações. O termo, de homossexualismo, remete a algo pejorativo, negativo, o que não acontece com os termos usados atualmente para explicar a orientação sexual – a homossexualidade ou a heterossexualidade. Por isso, temos preferido falar em homossexualidade, transexualidade e heterossexualidade como formas de expressão da vida.

Novamente a história se repetiu em 2022, quando a OMS mudou sua visão sobre a transexualidade, que deixou de ser considerada um transtorno para se tornar uma condição de identidade de gênero que pode necessitar de acompanhamento médico mas não é mais vista como doença.

Por que muitos pais procuram psicólogos para seus filhos LGBTQIA+?

A terapia ajuda a tratar as consequências emocionais causadas pela discriminação e pela pressão social contrária às orientações e às identidades que não sejam cisheteronormativas (não LGBTQIA+). São casos em que o profissional vai ajudar a pessoa a se autoconhecer e se

relacionar da melhor forma possível com o mundo ao seu redor. Importante ressaltar que a Resolução do Conselho Federal de Psicologia, nº 01/99, determina que não cabe a profissionais da Psicologia no Brasil o oferecimento de qualquer tipo de prática de reversão sexual, uma vez que a homossexualidade não é patologia, doença ou desvio.

E as curas gays?

Não se pode curar o que não é doença. Tratamentos e terapia de "cura gay" são desaconselhados pelo Conselho Federal de Psicologia desde 1999. Em 2019, o Supremo Tribunal Federal suspendeu decisão que liberava esse tipo de violência contra as pessoas LGBTQ+. Pesquisa divulgada em 2022 da ong All Out e do Instituto Matizes identificou, no entanto, a prática de 26 tipos de "cura gay" no país, que incluíam técnicas de castigos físicos, exorcismo e medicação forçada, entre outras barbaridades.

Mesmo não sendo doenças, a diversidade sexual e de gênero são naturais?

Sim. Elas não deveriam ser vistas como algo fora do que é considerado "normal" dentro da história e da evolução humanas. De acordo com o especialista em sexualidade Sylvio José Rocha, estudos antropológicos

mostram que existiram e existem gays em modelos diferentes de sociedade, o que comprova que a homossexualidade é natural na nossa espécie. O mesmo se pode dizer da transexualidade.

Diversidade sexual e de gênero: isso pode ser modismo?

Não. A homossexualidade refere-se à característica, condição ou qualidade de um ser (humano ou não) que sente atração física, estética e/ou emocional por outro ser do mesmo sexo ou gênero, segundo a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS). A bissexualidade refere-se a pessoas que sentem atração física e amorosa por ambos os sexos ao longo da vida. A transexualidade tem a ver com a condição de pessoas que se sentem com o gênero diferente do nascimento. Nada disso é modismo. Em alguns momentos históricos e em algumas sociedades, onde há mais aceitação e menor repressão, homossexuais, bissexuais e transgêneros, além de assexuais e pansexuais, ganham mais visibilidade – o que pode explicar por que algumas pessoas enxergam essas características de identidade como modismo.

Influência e culpa

As pessoas se tornam LGBTQIA+ por influência de alguém ou da mãe?

Não. Nenhuma pesquisa séria mostrou ser possível responsabilizar os pais ou qualquer outra pessoa pela orientação sexual dos filhos. Em 2019, a maior pesquisa sobre a origem da homossexualidade analisou o genoma de meio milhão de pessoas. Publicada na revista científica *Science*, a pesquisa indicou que a orientação sexual faz parte do comportamento humano e que o comportamento não heterossexual é algo natural na biologia. Assim como os heterossexuais, os homossexuais têm sentimentos e desejos autônomos, próprios, que constituem a personalidade de cada um de maneira profunda. De acordo com Benjamin Neale, pesquisador do Hospital Geral de Massachusetts e do Instituto Broad (EUA), existe uma enorme diversidade de comportamentos e os fatores que os explicam são variados.

Existe um gene gay?

Não existe um gene que determina a diversidade sexual e de gênero.

"Em 2019, um estudo de associação genômica em larga escala, com 492.678 indivíduos encontrou não apenas um gene, mas diversos loci (locais específicos do cromossomo com os marcadores genéticos espalhados pelo genoma, de pequena expressão individual, que em conjunto e com variedade de expressão, estariam relacionados à orientação sexual de homens e mulheres cis homo, bi e assexuais. Dentre os genes identificados, 5 demonstraram maior relevância. A influência genética parece ser diferente na determinação da orientação sexual de homens e mulheres, estimando que em torno de 40% da variação da orientação sexual nos homens teria uma influência genética e 20% nas mulheres. As demais razões estariam relacionadas a aspectos hormonais e socioculturais, que poderiam inclusive influenciar a expressão gênica" diz o livro **Saúde**

LGBTQIA+: Práticas de Cuidado Transdisciplinar (Editora Manole 2021), de autoria de Saulo Vito Ciasca, Andrea Hercowitz, Ademir Lopes Junior.

Como foi dito antes, a orientação sexual de uma pessoa não depende apenas do seu DNA. Fatores genéticos, hormonais, cerebrais e imunológicos agem em conjunto na influência biológica das orientações afetivo-sexuais.

O jeito como a mãe cria o filho não influencia? A culpa não é dela?

Não. Nem a mãe nem o pai ou outra pessoa qualquer tem culpa. Em primeiro lugar, a diversidade sexual e de gênero não é errada para que haja culpa. As pessoas são ou não LGBTQIA+ em função de diversos fatores, biológicos e culturais. Devemos olhar a orientação sexual e a identidade de gênero como algo que faz parte da personalidade de alguém, uma parte que é apenas da pessoa. Por isso, não existe culpa e nem erro. Culpar a mãe é uma maldade com todos: tanto com as mães, que não têm poder de influenciar a orientação sexual ou a identidade de gênero dos filhos, quanto com os filhos, que não estão cometendo nenhum crime ao declarar quem são e o que desejam.

Mas a mãe e o pai não exercem nenhuma influência?

Sim, exercem e muita. Famílias que dão espaço para que o filho seja quem ele é formam adultos com autoestima preservada, mais preparados para enfrentar o mundo. A relação com a família é um

grande fator de influência para que os filhos se sintam confortáveis em ser quem são e na constituição de sua identidade, seja ela qual for. A família é o primeiro espaço em que a pessoa exercita sua individualidade e identidade. Por isso, a família deveria ser um espaço de confiança.

Quais são as outras influências que a família pode ter?

A psicóloga Brunella Carla Rodriguez, que conduziu uma pesquisa no Instituto de Psicologia da USP (Universidade de São Paulo), explica que a relação com os pais é decisiva para que os filhos se sintam confiantes, por exemplo, em exercer a paternidade homoafetiva. Ter um bom modelo parental as ajuda a suportar esse processo de maneira menos negativa.

Ideologia de gênero

O que é a ideologia de gênero?

Expressão criada para combater o debate sobre gênero e a educação sexual nas escolas. Desde que foi criada, a expressão "ideologia de gênero" carrega um sentido negativo e pejorativo. É usada por grupos conservadores, como a Bancada Evangélica do Congresso Nacional, e a ala mais conservadora da Igreja Católica para combater a prática do

debate sobre gênero (homem, mulher), identidade de gênero (cisgênero e transgênero), orientação sexual (heterossexualidade e homossexualidade) nas escolas. Segundo esses grupos, a ideologia de gênero seria uma maneira de influenciar os alunos a se desviar do caminho natural da heteronormatividade.

Onde surgiu a expressão?

O termo foi visto pela primeira vez em 1998, em nota emitida pela Conferência Episcopal do Peru intitulada "A ideologia de gênero: seus perigos e alcances". Dois anos depois, o termo volta a aparecer em texto publicado pelo Vaticano sobre os limites da educação sexual no âmbito escolar. Em 2004, é adotado pelo movimento Escola Sem Partido, por meio de propostas que preveem, em geral, a "neutralidade" de professores em sala de aula, limitando a que não exponham sua opinião e não estimulem os alunos e alunas a participação política, que seria visto como ideologia de gênero. O vereador Carlos Bolsonaro apresentou o primeiro projeto de lei ligado ao movimento Escola Sem Partido, em 2014. O deputado estadual Flávio Bolsonaro fez o mesmo na Câmara de Deputados. O Escola Sem Partido, que é um movimento político que visa desenvolver uma agenda conservadora na educação brasileira, foi transformado em associação em 2015 pelo advogado

Miguel Nagib, que passou a coordenar e divulgar o movimento. Em 2018, havia projetos em trâmite no Congresso e em ao menos 97 Assembleias e Câmaras Municipais, segundo reportagem da revista Gênero e Número.

Em 2014, a versão final do Plano Nacional de Educação, lei brasileira que estabelece diretrizes e metas para o desenvolvimento nacional, estadual e municipal da educação, eliminou a diretriz que previa a promoção da igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual nas escolas em razão de intensa pressão dos setores conservadores.

Nova polêmica surgiu no ENEM de 2015. O tema da redação, sobre a violência contra a mulher, foi criticado pela agenda conservadora como sendo influência da "ideologia de gênero" no exame.

Em 2016, o deputado federal Jair Bolsonaro, publicou um vídeo acusando o Partido dos Trabalhadores de promover "sexualização precoce de crianças nas escolas do país". Os movimentos contra a suposta "ideologia de gênero" cresceram em vários países, sempre relacionados à ideia de doutrinação sexualizada dos alunos.

Existe ou não ideologia de gênero?

Não. O termo é uma distorção do conceito de estudos de gênero ou ensino de gênero – o debate sobre gênero e sexualidade nas escolas –

com o objetivo de desconstruir estereótipos que criam desigualdades e injustiças. Nas palavras de Andressa Pellanda, coordenadora de políticas educacionais da Campanha Nacional Pelo Direito à Educação, organização sem fins lucrativos, “se chama erroneamente de ‘ideologia de gênero’ qualquer iniciativa que busque debater questões de ordem de gênero e orientação sexual em escolas, como iniciativas que visam combater as discriminações de gênero ou orientar e conscientizar sobre educação sexual”. Por isso, a expressão não é reconhecida pelas pessoas que entendem ser importante falar sobre a questão de gênero nas escolas.

A suposta "ideologia de gênero" foi criada para influenciar as crianças e adolescentes a serem homossexuais ou transexuais?

Segundo relatório da Declaração da Diversidade da UNESCO, de 2001, não existe essa possibilidade. Não se "vira" homossexual ou transexual por influência de alguém.

Por que é importante o ensino de gênero e de sexualidade na escola?

Incluir a perspectiva de gênero em planos escolares ajuda a criar senso crítico sobre as desigualdades de direitos entre homens e mulheres e grupos minorizados, como a população LGBTQIA+. Além disso, a escola tem a obrigação de fornecer um ambiente acolhedor e respeitoso com

seus alunos. Sem aulas sobre diversidade sexual e de gênero, alunos LGBTQIA+ estão mais expostos ao preconceito dos colegas e à evasão escolar (**ver verbete sobre evasão escolar**). Segundo fala da professora Maria Eulina de Carvalho em reportagem publicada pelo site Politize, "os estudos sobre a questão de gênero não buscam diminuir ou rechaçar religiões e pessoas religiosas". Ela destaca que, ao reconhecer a diversidade de famílias, não se nega a família tradicional e heterossexual.

Há estudos sobre a evasão escolar de alunos LGBTQIA+?

Sim. Segundo a "Pesquisa Nacional Sobre o Ambiente Educacional no Brasil de 2016", feita pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), 73% dos alunos LGBTs já sofreram agressões verbais devido a sua orientação sexual e 68% por conta de sua identidade de gênero, evidenciando como a escola pode ser um espaço hostil e violento para esses jovens. Discriminação e violência são causas que levam ao abandono da escola, como comenta Fábio Meirelles, coordenador-geral de Direitos Humanos do MEC entre 2011 e 2015.

Como a educação sexual e de gênero pode ser positiva no âmbito escolar?

Segundo informes do Relatório da Declaração da Diversidade da UNESCO, a educação sexual não incentiva a atividade sexual e nem o comportamento sexual de risco; também não faz aumentar infecções relacionadas a DSTs (infecções sexualmente transmissíveis) e a AIDS, como pregam os conservadores. A educação sexual ajuda, por exemplo, a trazer uma maior conscientização sobre o próprio corpo e o respeito ao corpo do outro. Isso poderia evitar o abandono escolar por gravidez precoce, que no Brasil faz com que 75% das adolescentes grávidas não terminem os estudos.

Para fazer a transição de gênero, crianças tomam hormônios?

Não. Existe a possibilidade de se aplicar bloqueio hormonal, autorizado pelo Conselho Federal de Medicina, a partir dos primeiros sinais de puberdade, não antes disso. Mas a idade mínima aconselhada pelo próprio CFM para realização de procedimentos de transição de gênero para pessoas trans e travestis, incluindo terapia hormonal e cirurgias, é de 16 anos. Em 2013, o Ministério da Saúde diminuiu de 21 para 18 anos a idade mínima para o processo transexualizador no SUS, Sistema Único de Saúde.

E as cirurgias de mudanças de sexo?

Os procedimentos cirúrgicos de redesignação genital só podem ocorrer depois dos 18 anos de idade (no SUS, a partir dos 21 anos), e os pacientes precisam ter passado por no mínimo um ano de acompanhamento por uma equipe multiprofissional e multidisciplinar – psiquiatra, endocrinologista, ginecologista, urologista e cirurgião plástico.

A terapia de hormonização é irreversível?

Não, a terapia de hormonização é totalmente reversível. Segundo Ricardo Barbosa Martins, psicólogo e diretor do Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais do Centro de Referência e Tratamento DST/Aids, em São Paulo, é possível reverter a hormonização, o que não significa que médicos devam ser claros em relação a toda a terapia, ajustando ao máximo as expectativas dos pacientes em relação às mudanças esperadas no corpo.

Muita gente se arrepende da transição?

De acordo com Susie Green, executiva-chefe da ONG Mermaids, organização que oferece apoio a jovens britânicos transgêneros e suas famílias, a taxa de arrependimento é de 1%.

Saúde:

Os homossexuais podem doar sangue?

Sim. A proibição de doação de sangue por parte de homens homossexuais estava diretamente relacionada com a ideia equivocada da promiscuidade entre LGBT+ e consequente presença de DSTs. Atualmente, homens heterossexuais estão entre as pessoas com maior incidência de HIV/AIDS. De acordo com balanço divulgado em 2018 pela Secretaria de Estado de Saúde (SES), a maioria dos casos de detecção de HIV/AIDS estão entre homens heterossexuais. Segundo o Boletim Epidemiológico Nacional, dos 297 casos diagnosticados e notificados, 204 são homens, representando 68,68%. Dos novos casos, 52% são heterossexuais e 18% são homossexuais. Outro dado importante: a comunidade LGBT+ testa muito mais do que os heterossexuais, o que faz com que sejam mais protegidos e tenham maior conhecimento sobre sua saúde.

Fontes:

Livro Saúde LGBTQIA+: Práticas de Cuidado Transdisciplinar. Editora Manole 2021

<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/atualidades/a-autoaceitacao-homossexualidade-partir-um-caso-real.htm>

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202019000100006

<http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciadenoticias/noticias/destaques/%E2%80%9Ca-sexualidade-e-uma-construcao-social%E2%80%9D-diz-pesquisador-da-ufba/>

<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/atualidades/a-autoaceitacao-homossexualidade-partir-um-caso-real.htm>

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202019000100006

<http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciadenoticias/noticias/destaques/%E2%80%9Ca-sexualidade-e-uma-construcao-social%E2%80%9D-diz-pesquisador-da-ufba/>

<https://www5.usp.br/noticias/comportamento/para-homossexuais-parentalidade-sofre-grande-influencia-da-familia-diz-pesquisa/>

<http://monografias.uem.mz/handle/123456789/583>

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202019000100006

<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2019/08/genes-nao-ajudam-a-prever-homossexualidade-mostra-estudo.shtml>

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202019000100006

<https://drauziovarella.uol.com.br/endocrinologia/como-funciona-a-hormonioterapia-para-mulheres-trans/#:~:text=Em%202020%2C%20o%20Conselho%20Federal,18%20anos%20como%20idade%20m%C3%ADnima.>

<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bbc/2020/01/16/o-que-sao-bloqueadores-de-puberdade-e-por-que-estao-no-centro-de-controversia.htm>

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51727313>

<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/idade-minima-para-terapia-hormonal-de-transicao-de-genero-cai-para-16-anos/>

<https://drauziovarella.uol.com.br/endocrinologia/como-funciona-a-hormonioterapia-para-mulheres-trans/>

<https://revistaladoa.com.br/2020/08/noticias/promiscuo-o-titulo-que-todo-homem-gay-tem-que-lidar/>

<https://www.scielo.br/j/csp/a/xDFFhtkF89JM65GDhWwTHPj/?lang=pt#B1>

<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2019/04/ser-gay-e-natural-jornalista-e-biologo-usam-polemicas-para-explicar-darwin.shtml>

<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/08/29/comportamento-sexual-nao-e-totalmente-determinado-pelo-dna-diz-estudo.ghtml>

<https://tuporem.org.br/homossexualidade-natural-ou-ambiental/>